

SUPERANDO O BÁ BE BI BO BU: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS POR MEIO DO PROJETO ALFABETIZAÇÃO ITINERANTE

Rineida Liége Barbosa dos Santos¹

Raiolanda Magalhães Pereira de Camargo²

Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: O Projeto Alfabetização itinerante: de rede em rede nas trilhas das palavras teve como objetivo favorecer os processos de alfabetização e de letramento das crianças não alfabetizadas no Ensino Fundamental II de uma Escola da rede estadual de Manaus, articulada à formação teórico e prática dos acadêmicos do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, promovendo atendimento especializado de modo a garantir o direito alienável, humano e social da leitura da escrita para as crianças atendidas por meio de novas alternativas didáticas para a apropriação do Sistema de escrita alfabética.

Palavras-chaves: Sistema de Escrita Alfabética; Alfabetização; Ensino; Aprendizagem

Abstract: The itinerant literacy project: We have a goal to support and evolve literacy projects of children and teenagers who dont know how to write in a school located at Manaus. Sponsored by UFAM and The academics of pedagogy, this project try to guarantee The rights booth human and social to The supported children by alternattive methods for The appropriation of the alphabetic writing system.

Keywords: Alphabetic Writing System; Literacy; Teaching; Learning

¹Graduanda em Pedagogia pela UFAM. Contato: rineidaliege@gmail.com

² Doutora em Educação com pesquisas voltadas para área de alfabetização e formação de alfabetizadores pela UFAM. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Contato: landacamargocamargo@gmail.com

Introdução

O projeto Alfabetização Itinerante: de rede em rede nas trilhas das palavras fez parte de uma ação realizada no ano de 2022, do Programa de Atividade Curricular de Extensão – PACE da Universidade Federal do Amazonas, implementado por uma das autoras do artigo, professora e coordenadora do Laboratório de Alfabetização e Letramento da Faculdade de Educação (FACED), juntamente com 13 acadêmicos do curso de pedagogia.

O projeto nasceu a partir de uma demanda do gestor de uma escola pública do estado, egresso da Faculdade de Educação, que recebeu em um contexto pós-pandemia, 24 alunos oriundos de escolas da rede municipal, matriculados no Ensino Fundamental II, com conhecimentos rudimentares de leitura e escrita. Na impossibilidade de alfabetizar o grupo de estudantes, o gestor pediu apoio para a faculdade, sendo criado, portanto, o projeto Alfabetização Itinerante, integrado com as ações previstas no laboratório de Alfabetização e de Letramento da FACED, recém implementado e fomentando experiências acadêmicas e educacionais, articulando a tríade ensino - pesquisa – extensão, com práticas de alfabetização na perspectiva do letramento comprometidas com a inclusão social.

A relevância da ação de extensão se deu a partir da necessidade de garantir a alfabetização das crianças da rede pública de ensino que no contexto pós-pandemia da COVID-19, tiveram que acompanhar as aulas de forma on-line, com orientações via WhatsApp e total ausência de políticas nacionais e locais de acesso à internet para as famílias das classes trabalhadoras. A realidade imposta pela pandemia escancarou as desigualdades sociais e educacionais já existentes, principalmente no que diz respeito a alfabetização, que por sua especificidade e natureza complexa, requer interação e mediação presencial e imediata.

Sendo assim, o projeto abrigou ações de ensino mediante a formação dos acadêmicos de pedagogia, que tiveram a rica oportunidade de colocar em prática o referencial teórico e metodológico estudado nas disciplinas de Alfabetização e letramento e Conteúdo e Metodologia para o ensino da língua portuguesa ministradas por uma das autoras do artigo, bem como nos momentos destinados para estudo e planejamento no que concerne ao desenvolvimento de conceitos, concepções e metodologias de alfabetização e de letramento previstas nas ações do laboratório de Alfabetização e letramento da Faculdade de Educação e na referida ação de extensão.

Perante o exposto, o artigo em questão, destacará inicialmente a contribuição de novas alternativas didáticas para a apropriação do sistema de escrita alfabética que serviram de aporte para as intervenções com as crianças de distorção idade-série atendidas, apresentando algumas das atividades adotadas que garantiram o direito alienável da leitura e da escrita para os estudantes da rede estadual de ensino.

Superando o bá-be-bi-bo-bu: fundamentos teóricos e metodológicos para apropriação do sistema de escrita alfabética

Diante de novos conceitos e pesquisas científicas, em torno da linguagem e da compreensão dos processos cognitivos e linguísticos envolvidos na apropriação do sistema de escrita alfabético, são inadmissíveis práticas de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita pautadas no ensino por meio das cartilhas, ou seja, ao treinamento exaustivo de habilidades perceptivo- motoras como cobrir pontilhado de linhas e letras bem como práticas de leitura centradas na oralização e repetição mecânica de letras, sílabas, palavras e frases descontextualizadas do cotidiano dos aprendizes que impedem o desenvolvimento das capacidades leitoras e escritoras das crianças.

As investigações atuais refutam os métodos tradicionais do ba, be, bi, bo, bu para alfabetizar, apresentando possibilidades didáticas para um ensino que tome como ponto de partida a competência linguística, as capacidades cognitivas dos aprendizes numa perspectiva lúdica e reflexiva sobre a língua, articulando os processos de ensino e aprendizagem e novas metodologias para o ensino da leitura e da escrita.

A abordagem dada para alfabetização na ação de extensão, envolveu o entendimento de que o aprendizado da leitura e da escrita é de ordem conceitual, ou seja, os aprendizes precisam compreender o que a escrita representa e como se criam essas representações implicando, portanto, na necessidade de intervenções didáticas para o avanço nas hipóteses dos alunos atendidos. Segundo Morais (2012 p.10), é importante “identificar as situações didáticas favoráveis para que as crianças possam refletir sobre as propriedades do sistema de escrita alfabética e, aprender e automatizar suas convenções, sem, entretanto, aderir ao formato “treino””.

Ao longo dos anos, estudiosos da área da alfabetização vem apresentando novas pesquisas sobre a compreensão dos princípios que regulam o sistema de escrita alfabética. São diversos os autores que vem apresentando um conjunto de procedimentos de ensino para inserir a criança no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, interpretados por Soares (2020, p.285) como:

Uma ação pedagógica bem estruturada, fundamentada em uma concepção de aprendizagem da língua escrita que articula contribuições de várias ciências- da Psicogênese da escrita, da Psicologia do Desenvolvimento cognitivo e linguístico, da Psicologia cognitiva, das Ciências da linguagem, sobretudo a Psicolinguística, a Fonologia e a Linguística Textual, dos Estudos sobre as culturas do escrito. (...) um ensino com métodos (...)

A referida autora ressignifica o conceito de método tradicionalmente centrado exclusivamente no ensino, para uma compreensão mais ampla, que abarca a aprendizagem

e o percurso cognitivo das crianças para compreender o que a escrita representa e a contribuição e conjugação de diversas ciências.

Nessa perspectiva e dentro do seu contexto sociocultural, a criança traz para dentro da escola conhecimentos prévios sobre a escrita e seus usos e, no decorrer de seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, se apropria do princípio alfabético e da escrita quando orientada para a compreensão do uso desse sistema: a leitura, a interpretação e a produção de texto, tornando-se assim alfabetizada, leitora e produtora de textos.

A perspectiva teórica de Soares se contrapõe as práticas tradicionais do BA-BE-BI-BO-BU, nas quais as crianças aprendiam nas escolas a utilizarem o método de repetição das letras e das sílabas, que eram oralizadas e escritas pelos professores para alfabetizar. Segundo Cagliari (1998), a criança decorava o alfabeto e utilizava os nomes das letras como base, como por exemplo, a de avião, b de bola, c de casa e assim por diante. Desse modo, é importante destacar que os métodos das cartilhas continuam presentes nas práticas escolares atuais com roupa nova e maquiagem.

Para Soares (2022), em seu livro *Alfalettrar, toda criança pode aprender a ler e escrever*, o ideal é alfabetizar letrando, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita de modo que as crianças se tornem ao mesmo tempo, alfabetizadas e letradas. No livro em questão, emergem novos procedimentos de ensino em que a apropriação do sistema de escrita alfabética de escrita acontece concomitante aos usos sociais de práticas de leitura e produção de textos, denominado por Soares como Alfalettrar.

Dentre os procedimentos de ensino para apropriação do sistema de escrita alfabética estão atividades direcionadas para o desenvolvimento da consciência silábica, consciência fonológica e consciência fonêmica.

Soares (2022) explica que a consciência silábica é a capacidade de perceber que a palavra é formado por seguimentos. A consciência fonológica implica na capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala ou focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas e os fonemas.

A consciência fonêmica pode ser compreendida como um refinamento da consciência fonológica, permitindo a criança estabelecer adequadamente as relações entre fonemas e grafemas. Para Soares (2022, p.109) a criança se torna capaz de escrever alfabeticamente, percebendo que os sons de algumas sílabas” podem ser segmentados em mais de um som, ou seja, já identifica alguns fonemas e relaciona os sons com as letras que os representam.”

Para Picolli e Camini (2012 pg.112), consciência fonêmica é o nível 3 da Consciência fonológica, a habilidade de reconhecimento e manipulação dos fonemas – as menores unidades sonoras da língua, a habilidade de maior complexidade e a última a ser desenvolvida pela criança. Ela envolve a consciência de que um fonema diferente pode alterar totalmente o sentido de uma palavra.

Heloísa Vilas Boas (1991), apresenta uma outra proposta de alfabetização, estudada na disciplina de alfabetização e Letramento, cujas etapas foram adotadas nas intervenções da ação de extensão. Camargo (2012) explica que a sequência de etapas propostas pela autora, considera o processo de apropriação da língua do ponto de vista do aluno que aprende, valorizando o contexto social e cultural do qual ele faz parte, bem como as interações estabelecidas entre seus pares. O professor é o mediador para a competência comunicativa de seus alunos.

Camargo (2012), destaca uma importante etapa para uma concepção alfabética, a que corresponde à descoberta de semelhanças e diferenças visuais e auditivas entre as palavras. Nessa fase, são propostas atividades voltadas para o desenvolvimento da consciência fonológica através do jogo da montagem de um paradigma que consiste em relacionar sons comuns aos das sílabas da palavra. A sílaba a ser discriminada, entretanto, estará sempre ligada ao todo da qual faz parte, a palavra, oportunizando aos alunos conhecer e distinguir, entre si, sílabas e fonemas da palavra, em sua forma gráfica e sonora.

Outro procedimento didático proposto por Vilas Boas (1991) implica em atividades de formar e escrever novas palavras pela recombinação dos fonemas e grafemas das palavras-chave. Coletivamente os alunos procuram formar novas palavras pelo processo de decomposição e composição. Atividade consiste que os alunos, pelo jogo da comutação (troca de letras), descubram e estabeleçam as relações corretas entre grafemas e fonemas.

As perspectivas teóricas e metodológicas de Soares (2022), Vilas Boas (1991) e Morais (2012) convergem para uma concepção interacionista de linguagem, implicando em atividades que permitam as crianças usarem e refletirem sobre a língua em um processo de interlocução e ação. As mediações sugeridas pelos autores possibilitam a compreensão do sistema de escrita alfabética.

É nesse contexto, adotando uma pluralidade de intervenções a partir das contribuições dos teóricos citados, que o projeto Alfabetização Itinerante chegou na escola estadual, promovendo a alfabetização das crianças atendidas que conseguiram trilhar o caminho para a entrada no tão sonhado mundo da escrita.

Alfabetização itinerante: As atividades de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética da ação de extensão

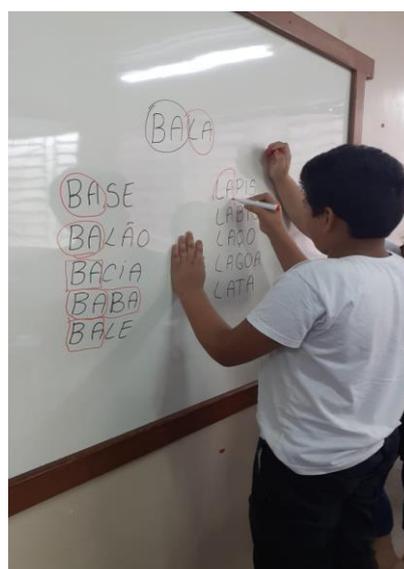
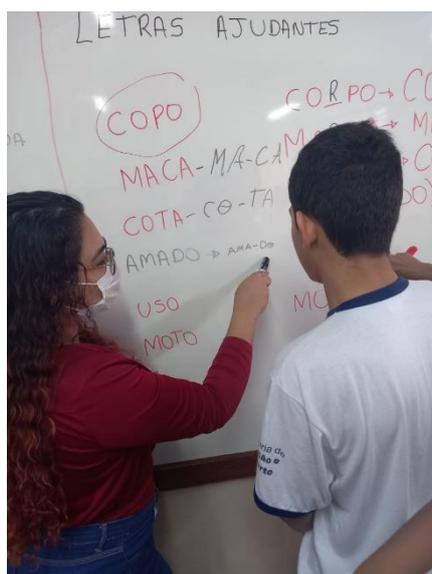
O projeto Alfabetização itinerante: de rede em rede nas trilhas das palavras foi a oportunidade criada para aproximar e gerar parceria entre a Universidade e a escola pública de modo a contribuir na solução dos problemas educacionais enfrentados pelas redes de ensino municipal e estadual no que tange a alfabetização, potencializados pelo contexto da pandemia da COVID-19.

Referente a execução do projeto, as ações consistiam em encontros mensais com os acadêmicos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Amazonas para estudo e aprofundamento dos processos de alfabetização e letramento, bem como acompanhamento do processo de aprendizagem do grupo de estudantes atendidos na escola, oficina para a produção de material didático, planejamento das atividades a serem desenvolvidas e avaliação das intervenções didáticas aplicadas no decorrer do projeto.

As crianças atendidas tinham idades entre 11 e 14 anos e estavam matriculadas no 6º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino. O acompanhamento era realizado pela coordenadora do projeto e 13 acadêmicos do 6º período, do curso de pedagogia, que se deslocavam duas vezes na semana até a Escola Estadual Francisca de Paula Jesus Isabel, localizada na zona Norte de Manaus.

O diagnóstico avaliativo das hipóteses da escrita foi o primeiro passo para definir as metodologias a serem usadas, sendo os alunos posteriormente agrupados em dois grupos chamados de A e B. Cada grupo recebia atividades de alfabetização diferenciadas com base nos conhecimentos prévios que tinham sobre a escrita. Para subsidiar as ações de intervenção foram utilizados livros de literatura e jogos de alfabeto móvel de letras e sílabas disponibilizados pelo Laboratório de Alfabetização da Universidade Federal do Amazonas

A partir das histórias lidas e de relatos nas rodas de conversa selecionávamos as palavras-chave que seriam trabalhadas para que pudéssemos realizar atividades para a consolidação das sílabas. Dentre as atividades aplicadas podemos citar exercícios para o reconhecimento global das palavras, montagem de paradigma com as sílabas das palavras selecionadas, exercícios de decomposição e composição de novas palavras com as sílabas estudadas, jogos para comutação de letras com o alfabeto móvel, jogos fonológicos, produção coletiva e individual de textos e acolhida com as rodas de leitura.



Fonte: Arquivos pessoais das pesquisadoras com imagens autorizadas. Atividade de intervenção de Alfabetização e Letramento na Escola Estadual Francisca de Paula de Jesus Izabel, em 2022.

As atividades relacionadas para identificação de sons comuns das sílabas das palavras exploradas eram feitas inicialmente de forma oral com palavras ditadas pelos estudantes. Posteriormente nos cadernos, as crianças escreviam todas as palavras criadas no paradigma e circulavam as sílabas iguais que se repetiam em cada palavra trabalhada. Esse tipo de atividade resgata a ludicidade, fundamental no processo de aprendizagem, pois os alunos brincam de pensar o maior número de palavras que tenham determinados pedacinhos. As sílabas são internalizadas sem desligá-las do contexto em que ocorrem funcionalmente, permitindo que, por meio desses exercícios, os alunos se apropriem das diversidades gráficas e fônicas da nossa língua.

Posteriormente, os alunos eram desafiados a construir novas palavras através de um alfabeto móvel de letras e sílabas. Neste tipo de intervenção o domínio da sílaba não é mecânico, trocando as letras os alunos conseguem relacionar corretamente os grafemas e fonemas (grafofônicas).



Fonte: Arquivos pessoais das pesquisadoras com imagens autorizadas. Atividade de intervenção de Alfabetização e Letramento, 2022.

Os resultados do projeto evidenciaram a garantia da alfabetização para as 23 das 24 crianças efetivamente atendidas pela ação de extensão, mostrando que com mediações adequadas de ensino que considerem as capacidades cognitivas e linguísticas das crianças e que tomem a língua como objeto de ação e interação, asseguramos o direito da leitura e da escrita para todas as crianças em um curto espaço de tempo.



Fonte: Arquivos pessoais das pesquisadoras com imagens autorizadas. Certificação dos alunos e encerramento do Projeto Alfabetização Itinerante, 2022.

Considerações Finais

Os resultados apresentados evidenciaram que o êxito na ação de extensão foi possível graças ao compromisso e envolvimento dos acadêmicos no desenvolvimento das atividades. Os extensionistas revelaram um grande compromisso com sua formação profissional e com a aprendizagem dos estudantes, se apropriando das teorias e metodologias estudadas sobre alfabetização.

Foi possível acompanhar com alegria, o amadurecimento intelectual e profissional de todos os acadêmicos que a cada encontro formativo e intervenção na escola, demonstravam-se mais seguros para o exercício da docência. Ademais, mostraram sensibilidade no processo de alfabetização, incentivando e motivando as crianças para aprendizagem e para a sua capacidade de aprender, comprometida por experiências negativas em anos anteriores.

O resultado foi surpreendente, posto que já em dois meses de ação, os estudantes apresentaram avanços significativos no que concerne a alfabetização, lendo de forma autônoma, livros de história com pequenos textos e escrevendo palavras, frases e textos com as relações fonemas e grafemas trabalhados.

Considerando a formação especializada demandada para alfabetizar, ações de extensão como essa, apresentada neste relato de experiência, favorecem a articulação entre teoria e prática, oportunizando desde a formação inicial uma familiarização com o universo escolar e segurança na sistematização de etapas fundamentais para garantir o direito alienável da leitura e da escrita para todas as crianças.

Referências

BOAS, Heloisa Vilas. **Alfabetização: Nova Alternativa didática**. Edição. Brasiliense, cidade, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa**. Ano 1. Unidade 1. Brasília: MEC/ SEB, 2012.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetizando sem o Bá, bé, bi, bó, bu**. 2ª edição Scipione, São Paulo, 2009.

CAMARGO, Raiolanda Magalhães Pereira de. **Orientações didáticas para o desenvolvimento da metodologia de Heloisa Vilas Boas**. 2012. Não publicado.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. 1ª edição. Melhoramento, São Paulo. 2012.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas Pedagógicas em Alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. 1ª edição. Edelbra, Cidade, 2012.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2022.

SOARES, Magda Becker. **Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1ª edição. Contexto. São Paulo, 2022.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista Presença Pedagógica.

Disponível em <http://www.presencapedagogica.com.br/capa6/artigos/52.pdf>

----- **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.